



ISSN 2177- 3424

# Rascunhos CULTURAIS

Revista do Curso de Letras • Campus de Coxim/UFMS

Volume 12 • Número 24 • 2021

# Rascunhos CULTURAIS



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**

**CURSO DE LETRAS - CÂMPUS DE COXIM**

**REITOR**

*Marcelo Augusto Santos Turine*

**VICE-REITORA**

*Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo*

**DIRETORA DO CÂMPUS DE COXIM**

*Silvana Aparecida da Silva Zanchett*

**COORDENADORA DO CURSO DE  
LETRAS**

*Ivanildo José da Silva*

**EDITORA-CHEFE**

*Geovana Quinalha de Oliveira*

**EDITORA-CHEFE da área de Literatura**

*Marta Francisco de Oliveira*

**EDITORA-CHEFE da área de Linguística**

*Tiana Andreza Melo Antunes*

**IMAGEM DE CAPA**

*O espelho Manicongo.*

*Obra de Kaio Luan Pereira de Aquino*

*Original Papel A4 Pautado com caneta esferográfica azul e vermelha 2007. Modificação digital Lightoom 2021.*

*A tela está ligada aos aspectos transformatorios da auto imagem, onde ao olhar o reflexo no espelho surgem as ligações ancestrais que permeiam a expressão ideológica de um corpo disforme que se expande para fora do próprio entendimento de simetria.*

*Imagem cedida pelo autor.*

**REVISÃO**

*A revisão linguística e ortográfica é de responsabilidade dos autores*

**CÂMARA EDITORIAL**

*Eliene Dias de Oliveira Santana*

*Flávio Adriano Nantes Nunes*

*Geovana Quinalha de Oliveira*

*Marta Francisco Oliveira*

*Marcos Amorim*

**CONSELHO CIENTÍFICO**

*Ana Paula Squinelo (UFMS)*

*Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)*

*Alberto Pinto (ULHT)*

*Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)*

*Clelia Maria Lima de Mello e Campigotto (UFSC)*

*Edgar César Nolasco dos Santos (UFMS)*

*Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA)*

*Fulvia Zega (AREIA - Itália)*

*Gláucia Mumiz Proença (UFMG)*

*Heloisa Helena Pacheco Cardoso (UFU)*

*José Batista de Sales (UFMS)*

*Luis Abel dos Santos Cezerilo (UEM)*

*Maria Adélia Menegazzo (UFMS)*

*Marcio Markendorf (UFSC)*

*Marcos Menezes (UFG)*

*Sheila Dias Maciel (UFMT)*

*Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra (UFMS)*

*Rosângela Patriota (UFU)*

*Vera Lúcia Puga (UFU)*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Coordenadoria de Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Revista rascunhos culturais / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. – v.  
1, n. 1 (2010)- . Coxim, MS : A Universidade, 2010- .  
v. ; 22 cm.

Semestral  
ISSN 2177- 3424

1. Cultura - Periódicos. 2. Línguas e linguagem – Periódicos. I.  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

CDD (22) 050

# Apresentação

*“...seres de difícil identificação e com hábitos noturnos”,* descrição designada a uma travesti segundo Exmo. Juiz de Direito da Comarca de Cuiabá em sua decisão.

Diante do exposto, Keila Simpson, a presidente da Associação Nacional de Travestis e pessoas Trans – ANTRA - ressalta: *“Envelhecer será a nossa vingança!”*

Há um tropo corrente em muitas sociedades ao redor do mundo de viés patriarcal-elesiástico de que um deus (o dos judeus e cristãos) criou o homem (leia-se a pessoa humana), dividindo-o única e exclusivamente em macho e fêmea; e este discurso por diferentes razões e legitimado por instituições sociais foi levado à última consequência por muitos Estado-nações. O Estado brasileiro que detém o 1º lugar no *ranking* mundial em assassinatos a mulheres trans pelo 13º ano consecutivo, conforme relatório de 2021/2022 ANTRA e replicados pelo TGEU. Em 29 de janeiro de 2022 este relatório foi entregue em mãos aos cônsul de vários países em reunião promovida pela OPAS/OMS Brasil, em Brasília – DF.

O sujeito, então, que escapa a este tropo binário, homem *vs.* mulher é lançado a toda sorte de violência empreendida pela cisgeneridade heterossexulizadora compulsória, como afirma York (2020). A cisge-

neridade atua como governança sobre o registro subjetivo e individual de cada pessoa, enquanto a heterossexualidade passa a agir como única forma de ação afetiva, tornando-a compulsória, como afirma Rich (2010). Rich, Adrienne. “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.” *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades* 4.05 (2010).

A filósofa estadunidense Judith Butler assevera que o fato de travestis e mulheres trans corporificarem o conceito de performatividade de gênero fora da lógica operacional cishetero, elas não passam incólumes – a média de idade de mulheres trans/travestis mortas no Brasil está abaixo dos 27 anos, quando o recorte leva em consideração a maioria racializada. Pessoas trans/travestis pretas/pardas ainda vivem menos que a grande maioria dos brasileiros. Uma pesquisa que afirma que a expectativa de vida não ultrapassa 35 anos de idade, segue não sendo desmentida pelas agências governamentais. Ainda sobre a performatividade e a repetição dos atos que justificam os corpos, Butler reflete que,

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2015, p. 26)<sup>1</sup>.

Antes mesmo de Butler, Simone de Beauvoir já havia lançado as bases para o pensamento acerca do gênero, com a clássica proposição: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, evidenciando desde 1949,

---

<sup>1</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

com a publicação de *O segundo sexo*, que o gênero é uma construção cultural-social-histórica e que está para além da parafernália corpórea (a genitália e/ou os demais signos que nos constituem).

Por que essas mulheres (trans/travestis) são vítimas de transfeminicídio? Elas são vítimas de uma sociedade pautada sistematicamente por uma estrutura cisheteronormativa. Desde 2018, o registro cível de qualquer pessoa que considere dissonante do gênero atribuído lhe ao nascimento pode buscar sua retificação. Em 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou crime a prática transfóbica, no entanto, nem a vigência da lei, nem o desenvolvimento das pesquisas no âmbito dos Estudos de Gênero, conseguiram aplacar o *continuum* de violência que culmina com a eliminação do corpo contra sujeitos trans, sobretudo mulheres. O contexto letal é reiterado pelo Estado ao não fomentar políticas de vida e pela sociedade ao se calar à letalidade (POCAHY, 2017).

Por ser uma pauta urgente na agenda política brasileira, reunimos pesquisadoras/es de diferentes áreas do saber para discutir as questões pertinentes às corpos Trans. O escopo da **Rascunhos Culturais** centra-se na área de Letras (Estudos Literários e Linguísticos), mas as diferentes pesquisas no âmbito das Ciências Humanas têm empreendido excelentes contribuições para pensarmos a temática. Assim, o dossiê **A era do Traviarcado** está estruturado de modo TRANSversal, *i.e.*, um pensamento de base horizontal com o intuito de desbaratar os condomínios teórico-acadêmicos, aliando forças, alargando o repertório teórico-crítico, instaurando a política da pluralidade de ideias para destronar não apenas a transfobia/travestifobia – mas também – a lesbo-gay-bifobia. O termo **Traviarcado** para a estruturação deste dossiê veio de empréstimo do título homônimo da música<sup>2</sup> da compositora e rapper trans Naty Silva, de

---

<sup>2</sup> <https://open.spotify.com/album/0JagbsYGXn6qDZHmNK1BMM?si=VJb4QzWmQMKV9AeLH2Vn4A>

nome artístico Killauea. A primeira menção acadêmica foi apresentada por Renata Carvalho (Atriz, diretora, dramaturga, transpóloga e fundadora do Movimento Nacional de Artistas Trans – MONART) no texto “O Corpo Transvestigênera – O Corpo Travesti – Na Arte” encomendado por Sara Wagner York, em 2019<sup>3</sup>.

A palavra ainda não está dicionarizada, e o material crítico para consulta é escasso apesar da menção, mas já entrou em uso sobretudo por mulheres trans/travestis acadêmicas e ativistas, além de pessoas cis-aliadas. Aparentemente este termo demonstra a mesma raiz semântica de patriarcado, a supremacia/ o poderio do homem, no entanto, o termo se constitui na luta frente ao patriarcado e a outras formas de opressão contra a corpa T. O **Traviarcado**, deste modo, se apresenta como um modelo para a diversidade corpórea que problematiza um corpo hegemônico para a masculinidade e a feminilidade; questiona o binarismo, o reflexo do sexo enquanto constituinte do gênero; reivindica a mulheridade para a sujeita, independentemente da genitália, e também a masculinidade para os sujeitos incoadunantes a suas genitais (leia-se aqui as muitas formas visibilizadas pelos corpos Intersexo). O **Traviarcado** não busca instaurar uma nova ordem comandada por sujeitos trans, tampouco implementar, como muitos ainda pensam, a ideologia de gênero, mas ocupar os espaços no interior da sociedade sonogados historicamente para as corpos T, desterritorializar o Brasil do primeiro lugar no *ranking* mundial em assassinatos a mulheres trans, proporcionar que homens e mulheres trans circulem de forma democrática em espaços públicos, fazer valer a lei contra a transfobia. Em **A era do Traviarcado** está apenas começando e há um grupo de pessoas trans/travestis e cis-aliadas, reivindicando este tempo-lugar porque já não admitimos mais o transfeminicídio, o assédio constante, a injúria, a falta de acessibilidade ao bem estar social, o *continuum* de violência.

---

<sup>3</sup> <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41816>

As herdeiras de Xica Manicongo<sup>4</sup>, Cintura Fina e tantas outras, exigem que paremos de matá-las! Esse Dossiê é sobre lançar luz a uma parte desta transepistemologia.

Agradecemos a generosidade de Kaio Luan Pereira de Aquino pessoa Queer, enfermeira, fotógrafa e produtora Cultural das Periferias do DF por nos ceder a imagem da capa deste número da Revista. Kaio trabalha os processos de autorretrato em diversas linguagens como a Fotografia, artes visuais, literatura e áudio visual sempre de um ponto de vista transgressor dos padrões estéticos e corporais esperados principalmente de pessoas LGBTQIA+.

Boa leitura para todas, todes, todos, todxs!

*Flávio Adriano Nantes (UFMS)*

*Regiane Corrêa de Oliveira Ramos (UEMS)*

*Sara Wagner York / Sara Wagner Pimenta*

*Gonçalves Jr. (UERJ)*

---

<sup>4</sup> XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41817>.